

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

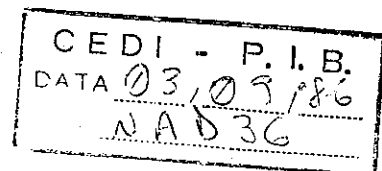
*ROC. N.º 0832/82

FLS. 09

RUBRICA

RESERVA INDÍGENA NAMBIKWARA

- Apresentação do relatório de viagem do GT instituído pela Portaria nº 1.057/E de 30 de julho de 1981 e de acordo com a Instrução Técnica Normativa nº 014/DGPI, de 07 de agosto de 1981 e a Instrução Técnica Executiva nº 064/DGPI, da mesma data.



1. INTRODUÇÃO:

David Price em seu trabalho "Projeto para a normalização da Situação Nambikwara" classifica os índios Nambikwaras em três segmentos: os Nambikwaras do Norte, os Nambikwaras do Vale do Rio Guaporê e os Nambikwaras do Campo. Cada um desses "distritos", como foram denominados pelo coordenador do projeto, contém várias aldeias, ligadas entre si por laços sociais, e separadas das aldeias dos outros "distritos" pela ausência de tais laços. Há também, diferenças linguísticas entre os três segmentos ficando caracterizada a existência de três línguas. Cada língua está composta de vários dialetos, todos mutuamente compreensíveis.

O Decreto nº 63.368/68 de 08/10/68 criou a Reserva Indígena Nambikwara entre os rios Juína e Camararé. Em 1973, através do Decreto 73.221/73 o limite da reserva foi do rio Camararé para o rio 12 de Outubro. Desde então a Reserva passou a contar com os seguintes limites. Ao norte o rio 12 de Outubro; a leste o rio Juruena até sua confluência com o Juína e subindo este último até a confluência com o rio Caraná, que no memorial descritivo é considerado como braço esquerdo do rio Juína; ao sul o rio Caraná e a oeste a BR-364. Com uma área aproximada de 912.000 ha (novecentos e doze mil hectares) tal reserva foi criada com o objetivo de abrigar todos os grupos Nambikwaras. Como apenas dois grupos (Sautesú e Kitaúlhu, Nambikwaras do Campo) viviam na área reservada, o restante, aproximadamente 85 % da população, deveria ser transferida para a Reserva. Tais transferências nunca deram certo, pelos diversos motivos, que enumeramos a seguir:

1 - Os Nambikwaras do Vale do Guaporê, como também os do Norte, estavam adaptados a um meio ecológico bastante distinto do meio ecológico

Handwritten signature

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

FLS. 10
RUBRICA

existente na reserva. Esta, está composta de grandes áreas de cerrado com estreitas faixas de floresta-galeria acompanhando o leito dos rios. No vale a situação se invertia, com predomínio da floresta e pequenas manchas de cerrado. Era de se esperar portanto que os Nambikwaras do vale se recusassem a mudar para um habitat tão diferente do seu habitat tradicional, ou, que retornassem ao vale, como aconteceu com os Mamaindê, Alantesu, e Wasusu, após constatarem que as terras a eles reservadas eram impróprias para sua sobrevivência (1). O mesmo não aconteceria com os Nambikwaras do Campo cujo meio ecológico é idêntico ao da reserva;

2 - Grande parte da Reserva, quase toda a área acima da linha telegráfica construída por Rondon, não era território Nambikwara, mas sim Salumã, grupo Aruak completamente distinto dos Nambikwara;

3 - As relações sociais e/ou econômicas entre os Nambikwara do Campo, que já ocupavam grande parte da reserva, e os demais segmentos Nambikwaras (do Norte e do Vale), simplesmente inexistem. A transferência dos grupos do Vale e do Norte para a Reserva, ocasionaria, sem dúvida, a invasão do território dos Nambikwaras do Campo. Em outras palavras, seria concentrar três grupos distintos numa área já utilizada por um deles o que poderia conduzi-los a atritos graves, e,

4 - Por fim, as áreas sagradas dos índios do Vale não estariam sendo preservadas.

Permanecem na reserva, hoje em dia, apenas os grupos que lá já estavam, quando de sua criação, ou se transferiram para meio semelhante ao que já viviam. Os índios Salumã, ao Norte (1 aldeia, 131 indivíduos) e os grupos Kitaulhu e Sautesu (Nambikwaras do Campo) a oeste e sul da reserva. Há ainda um outro grupo Nambikwara do Campo, Wakalitesu, transferido para a reserva em 1970, e que somente tem parte de seu território de influência dentro dela, e uma família Mamaindê, transferida para a reserva, junto com todo o seu grupo, em 1973 e que permaneceu nela, após o restante do grupo retornar à sua área de origem, em 1977.

O grupo Kitaulhu está dividido em duas aldeias; a de Campos Novos com 60 habitantes e a de Camararé com 24 habitantes.

O grupo Sautesu conta com 56 pessoas distribuídas em

Atlix

quatro aldeias. Aldeia Sapezal, 16 indivíduos; Branca com 27 pessoas, Barro Branco com 7 indivíduos e Barracão Queimado com 6.

O grupo Wakalitesu conta com 35 indivíduos e duas aldeias: A aldeia Juína, 23 indivíduos e a aldeia Porto, 12 indivíduos.

O grupo Mamaindê vive numa única aldeia e conta com 15 indivíduos.

Para o atendimento de todos esses grupos, a FUNAI criou em 75 um Posto Indígena situado junto à aldeia Sapezal. Este posto é chefiado, atualmente, pelo Sr. José Eduardo F. Moreira da Costa e conta ainda com atendente de enfermagem, Adelita, um trabalhador braçal, o índio Sabanês "Zé Benedito" e um tratorista, o índio Nambikwara José Roberto. O posto dispõe de uma camionete Toyota para o transporte e comunicação entre as aldeias. No entanto, como as distâncias são grandes, e as condições das estradas, nem sempre boas, a assistência, (principalmente a médica), fica prejudicada. O grupo com menor assistência é o de Campos Novos e Camararé, que contam com uma enfermaria construída, mas não dispõem de uma atendente de enfermagem. Isto faz com que estes índios não usufruam de um atendimento médico imediato, já que o tempo necessário para que o PI seja informado de algum caso de doença e desloque a atendente de enfermagem até Campos Novos, é no mínimo, de três dias. Há também o prédio de uma escola em desuso, já em estado de deteriorização. Desde que os missionários do SIL deixaram de atuar no Brasil, os Nambikwaras estão sem escola.

Para o cumprimento de sua missão, o GT permaneceu na Reserva do dia 13 de agosto a 22 do mesmo mês, percorrendo de Toyota as aldeias Nambikwaras e todo o limite oeste da reserva, pela BR-364. De avião, percorreu-se os limites norte e oeste quando se constatou a inexistência de invasores na área. A presença, em todo o tempo de permanência na área, do chefe do Posto Indígena Nambikwara, José Eduardo, facilitou sobremaneira o trabalho pela orientação quanto à situação de cada aldeia, os melhores informantes, o esclarecimento de questões ou problemas de difícil compreensão, etc.

II - HISTÓRICO

As primeiras referências aos Nambikwaras datam de fins do século XVIII. Ricardo Franco de Almeida Serra em "Descrição Geográfica da Capitania de Mato Grosso", 1797, cita os índios Cabixis, (primeira denominação dos Nambikwaras), como habitantes das cabeceiras e

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

matas dos rios Guaporé, Sararé, Galera, Piolho e Branco. No século seguinte, Francis de Castelnau (2), Johann Natterek (3), Cândido Correa (4), Pimentel Barbosa (5) e outros, testemunharam a existência dos Nambikwaras ao norte do Mato Grosso.

Roquete Pinto (6), descreve os limites da região dos Nambikwaras como sendo o Rio Papagaio ao Sul, o rio GI Paranã ao Norte, o rio Tapajós a Leste e o rio Guaporé a Oeste. A área tradicional, ocupada pelos Nambikwaras era de 5.500.000 ha aproximadamente. As terras a oeste, na região do vale do rio Guaporé, eram compostas por densas matas (85%) com algumas manchas de cerrado. A leste predominava a savana, campos e cerrados ralos, com manchas de floresta-galeria nas margens dos rios.

Apesar dos vários contatos com a sociedade nacional, desde fins do século XVIII, somente a partir do início do nosso século é que o contato começou a ameaçar seriamente a sobrevivência dos Nambikwaras. A construção de uma linha telegráfica, iniciada pelo General Rondon em 1907, abriu a parte norte da região à expansão nacional. Apesar da dificuldade do percurso, que só era possível com animais de carga, a população indígena das proximidades quase foi dizimada (levando em conta a estimativa feita por Rondon em 1916 de 20.000 almas e o decréscimo populacional dos anos seguintes). (7)

De 1919 a 1931 o SPI tentou estabelecer contato com os índios, estabelecendo postos de atração em Pontes Lacerda, na cidade de Mato Grosso e outro no ponto em que o rio Juína corta a linha telegráfica. Nada foi conseguido nesse sentido. Em 1942 o PI Pyrineus de Souza, foi fundado no córrego espirro, uma cabeceira do rio 12 de Outubro. O encarregado do posto de 43 a 69 foi Afonso Mansur França que empregou os índios na extração da borracha, primeiro oficialmente, pelo convênio do SPI com a Rubber Development Corporation, e depois, por sua própria conta. (8)

A partir de 1960, com a construção da BR-364, começa a invasão definitiva das terras Nambikwaras. Essa estrada deu acesso às terras férteis do vale do rio Guaporé que foram ocupadas por grandes empresas agropecuárias, desalojando e quase dizimando os grupos indígenas através de doenças como o sarampo e a gripe.

III - OCUPAÇÃO ATUAL DA RESERVA:

Os Nambikwara do Campo que têm suas aldeias dentro da

[Handwritten signature]

Reserva Nambikwara, ocupam, em atividades de plantio, caça, coleta, e pesca principalmente as matas existentes às margens dos rios, os campos cerrados e os cursos d'água maiores.

As matas aproveitadas para o plantio, principalmente e quase que exclusivamente da mandioca, são as matas dos rios Serra Azul, Água Bonita, Juína, Camararé, Macaco Preto e 12 de Outubro.

A caça e a coleta, além das matas dos rios acima citados, são procurados nas matas dos rios Mutum, Caraná, Formiga e cabeceira' do rio Margarida, os dois últimos fora da reserva.

Os campos de cerrado também são aproveitados para a caça e a captura de pequenos animais utilizados na alimentação Nambikwara.

A pesca é feita, na sua quase totalidade, no rio Juína, até a Barra do Juininha, e no rio 12 de Outubro. A exploração da reserva, no entanto, não é feita indistintamente, mas cada grupo Nambikwara tem sua área de influência ou território de ocupação. No item VI do nosso relatório, analisaremos como é feita essa ocupação, após analisarmos a vida econômica Nambikwara, explicando a situação de cada grupo, e áreas vitais de subsistência.

IV - MÁGICO/RELIGIOSO

Os Nambikwara do Campo costuma enterrar seus mortos no pátio da aldeia, seguindo-se de cerimônia onde são queimados todos os objetos do falecido para que o espírito deste possa emigrar à "casa dos espíritos". As casas dos espíritos ou das almas são morros onde vivem os espíritos dos antepassados Nambikwaras. As únicas pessoas que podem ver e se comunicar com os espíritos são os Xamãs que, por sua vez transmitem aos demais as orientações recebidas dos espíritos. (9). As casas das almas cumprem assim a função de preservar as tradições tribais através da comunicação dos vivos com os antigos.

V - ASPECTOS SÓCIO-POLÍTICOS

Os Nambikwaras preferem morar no campo, onde abrem uma clareira para a instalação da aldeia, mas com a condição de que esta fique próxima a mata, onde eles fazem suas roças. A preferência pelos campos para a moradia se explica pela existência de areia em abundância onde os índios Nambikwara preferem dormir e se consideram bem instalados. As aldeias Nambikwaras são em geral, pequenas, englobando no máximo, de 40 a 50 pessoas. Ao se aproximarem desse número, o nor-

Artes.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

mal é elas se dividirem em duas, sendo que parte dos moradores procura outro lugar que ofereça condições de vir a ser aldeia.

As razões para que os Nambikwaras vivam em grupos reduzidos, são diversas, entre as quais, destacaremos duas. A primeira, de ordem política, se deve à natureza da liderança entre os Nambikwaras. Essa liderança se dá sempre a nível de facções políticas pequenas em tamanho e curtas em duração.

Em geral após o casamento, a regra de residência é Uxori local e se um homem tiver várias filhas, certamente se tornará líder de uma facção composta pelos seus filhos, genros e netos. Mais raramente, acontece também de um pai conseguir reter seus filhos homens em casa e fortalecer sua facção. Mas isso é muito difícil pelo fato de existirem menos mulheres que homens, o que dá um poder de barganha maior ao pai da moça.

David Price explica da seguinte maneira a vida das facções políticas Nambikwaras: "O pai que tem muitas filhas consegue muitos genros para trabalhar com ele e fortalecer a sua facção. O pai de muitos filhos tem uma dura luta para mantê-los em casa, mas se o consegue, ele também forma a sua facção. Pais que tem tantos filhos quanto filhas, geralmente acabam perdendo uns para ganhar esposas para os outros, mas com astúcia política também podem formar facções. Pais que tem só um filho ou filha, quase não tem possibilidades de formar facções, e muitas vezes acompanham os filhos quando eles casam, ligando-se assim a outras facções". "Entretanto as facções Nambikwara são de pouca duração. A única coisa que liga facções compostas de genros é o sogro, - o pai das suas mulheres. Quando ele morre, a facção se desintegra. Em contraste, uma facção composta de irmãos, sente os laços de sangue e continua após a morte do pai. Entretanto este tipo de facção só pode continuar na terceira geração se a segunda geração, como a primeira, consegue ter muitos filhos e retê-los em casa. Já que isto não é muito provável, a maioria das facções Nambikwaras não duram mais de duas gerações. A vida política é um fluxo contínuo de facções formando-se, mudando de composição e sumindo". (10)

"Uma vez que o princípio dirigente de cada facção é o auto-interesse, conflito entre facções é um potencial sempre presente. Mas é importante evitar brigas, porque os membros de outras facções são parentes -sogros, cunhados ou genros - reais ou potenciais. Logicamente então, é necessário para facções que se vêem em conflito, se-

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

pararem-se para que cada uma tenha lugar para suas roças e áreas para caçar, e aonde a outra venha-se vier - Não como dona mas como convidada". (11)

"Basicamente o grupo que mora numa aldeia é uma família grande". (12)

A segunda razão para o reduzido tamanho das aldeias Nambikwaras é de ordem econômica. Segundo Lévi-Strauss: "De um ponto de vista econômico, a pobreza de recursos naturais e a grande superfície necessária para alimentar um indivíduo durante o período nômade, tornam quase obrigatória a dispersão em pequenos grupos". (13)

No entanto é importante notar que os grupos estão dispersos mas não isolados, como se poderia supor. Ainda citando Lévi-Strauss:

"Não existe estrutura social mais frágil e efêmera do que a do bando Nambikwara. Se o chefe parece muito exigente, se rei - vindica para si próprio demasiadas mulheres ou se é incapaz de dar uma solução satisfatória ao problema do abastecimento em período de fome, o descontentamento surge. Indivíduos ou famílias inteiras separar-se-ão do grupo e irão ter com outro bando que goze de uma melhor reputação." "Virá um dia em que o chefe se encontrará à cabeça de um grupo demasiado reduzido para fazer face às dificuldades cotidianas e para proteger as suas mulheres contra a cobiça dos estrangeiros. Nesse caso não terá outra solução senão abandonar o seu comando e juntar-se com os últimos companheiros a uma facção mais feliz. Vê-se portanto, que a estrutura social Nambikwara está num estado fluido. O bando forma-se e desorganiza-se, aumenta e desaparece. No intervalo de alguns meses, a sua composição, os seus efetivos e a sua distribuição tornam-se por vezes, irreconhecíveis." (14)

A isso se soma a necessidade do jovem Nambikwara procurar esposas em outras aldeias, já que na sua o número de "esposas potenciais" é muito pequeno. (Vide demografia).

Portanto, se fisicamente os bandos vivem dispersos, culturalmente se estabelecem estreitos laços, havendo mesmo uma interdependência entre eles.

Ainda hoje, o quadro político é o mesmo, permanecendo a mesma fluidez na composição das aldeias e a mesma instabilidade política.

A aldeia Campos Novos parece confirmar a relação estabe-

Handwritten signature

lecida por Lévi-Strauss entre a pobreza de recursos naturais (e consequente nomadismo) e o tamanho reduzido de cada grupo. Os índios de Campos Novos, de todos os da reserva, os mais aculturados, ocupam a área mais fértil e rica da região, se deslocando pouco, relativamente aos outros grupos, e contando hoje com 60 habitantes.

VI - DEMOGRAFIA

Ao todo, os Nambikwaras da Reserva contam 175 pessoas mais uma família Mamaindê com 15 pessoas que não nos foi possível reconhecer.

A distribuição nas aldeias, no momento da nossa visita, é a seguinte:

1) ALDEIA BRANCA: 27 pessoas ✓

1a. Família : Coronel Aristide, 67 anos X Loreta 59 anos
Filho : Tereco, 15 anos.

2a. Família : Fuado, 29 anos X Eunice, 28 anos X Sofia, 27 anos
Filhos: Com Eunice; Odair, 7 anos, e Evaristo, 4 anos.
Filhos: Com Sofia; Ermita, 4 anos e Flávio, 04/81

3a. Família : Reginaldo, 53 anos X Marieta, 55 anos

4a. Família : Mide, 67 anos X Angelina, 51 anos

Filhos: Jaime, 20 anos ; Jair, 15 anos; Joel, 12 anos e Ciça, 6 anos

5a. Família : Berenice, 61 anos (mãe de Sofia e Eunice)

6a. Família : Vicente, 73 anos

7a. Família : Paulito, 41 anos X Tereza Evelina, 27 anos

Filho : Amílio, 2 anos.

8a. Família : Militão, 68 anos X Moacir (mulher), 60 anos

Filhos: Paulo Samuel, 19 anos e Vicente, 16 anos.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. N.º 0033/22 9 -
13 17
21/08/81

2) BARRO BRANCO : 07 pessoas (em formação) ✓

1a. Família : Estevão, 27 anos X Tereza, 31 anos

2a. Família : Roberto Carlos, 23 anos X Suzana, 28 anos
Filhos: Arnaldo, 6 anos e Vamilda, 06/81

3a. Família : Maria Cássia, 68 anos

3) ALDEIA JUINA : 23 pessoas ✓

1a. Família : Erdo, 38 anos X Bárbara, 36 anos
Filhos: Janete, 8 anos; Edmundo, 6 anos e Paulo, 2 anos.

2a. Família : Maria, 60 anos
Filha : Emília, 16 anos

3a. Família : João, 67 anos X Adeda, 68 anos

4a. Família : Samuel, 27 anos X Naurinda, 26 anos X Dedinha, 22 anos.

5a. Família : Francisquinho, 63 anos X Helena, 43 anos
Filhos: Miguel, 17 anos; André, 11 anos; Sílbene, 6 anos e Cecí
lia Izabel, 3 anos.

6a. Família : Milton, 27 anos X Júlia, 25 anos

7a. Família : Ruth (viúva), 70 anos.

8a. Família : Rondon, 69 anos X Olinda, 69 anos

4) ALDEIA PORTO : 12 pessoas (aldeia em formação) ✓

1a. Família : Daniel, 45 anos X Juriti, 34 anos
Filhas: Eunice, 19 anos ; Sheila, 10 anos
Filho de Eunice, 16/08/81.

2a. Família : Manoelzinho, 44 anos

3a. Família : Lídio, 68 anos X Carminda, 39 anos
Filha : Heleninha, 11 anos

4a. Família : Canguru, 67 anos X Clarisse, 45 anos
Filho : Marcelo, 6 anos

5) SAPEZAL : 16 pessoas

1a. Família : José Roberto, 26 anos X Paulina, 23 anos
Filho : Paulino Roque, 2 anos

2a. Família : Lourenço, 61 anos X Anita, 44 anos
Filhos: Renato, 15 anos; Ademir, 6 anos e Milton, 2 anos

3a. Família : Ezequiel, 21 anos X Brasilina, 22 anos
Filha : Fátima, 3 anos

4a. Família : Raimundo, 27 anos X Kalu (Kalapalo), 48 anos
Filho : Loike, 12 anos

5a. Família : Alice, 74 anos
Mais o índio Sabanê José Benedito que mora no PI.

6) BARRACÃO QUEIMADO : 06 pessoas

- João Maxixe, 46 anos X Carocina, 40 anos
Filhos : Eva, 13 anos; Sérgio, 11 anos; Andréa, 7 anos e Catari-
na, 4 anos.

7) CAMARARÉ : 24 pessoas

1a. Família : Tenente, 68 anos X Videta, 60 anos
Filho : Lucas, 14 anos

2a. Família : Eutímio, 46 anos X Carlinda, 42 anos
Filho : Lia, 7 anos; Luzia, 5 anos e Hugo, 1 ano.

Handwritten signature

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

- 3a. Família : Ourivaldo, 26 anos X Madalena, 26 anos
Filhos: Rosinha, 6 anos e Marquinhos, 2 anos
- 4a. Família : Benedito, 61 anos X Ester, 52 anos
Filhos: Joracir, 12 anos e Eduardo, 7 anos
- 5a. Família : Benjamim, 43 anos X Débora, 43 anos
Filhos: Jacô, 6 anos; Roda, 9 anos; Elizeu, 2 anos e Roberto 11 anos.
- 6a. Família : Macaquinho, 64 anos X Marita, 52 anos

8) CAMPOS NOVOS: 60 pessoas

- 1a. Família : Mateus, 52 anos, X Aninha, 61 anos X Jôia, 14 anos
Filho : Carlosul, 18 anos
- 2a. Família : Jonata, 32 anos X Iracema, 52 anos X Rosalina, 21 anos
Filha : Cristina, 1 ano.
- 3a. Família : Luiz, 47 anos X Angelina, 44 anos
Filho : Raquel, 3 anos
Mãe de Angelina: Paulina, 68 anos
- 4a. Família : Renê, 16 anos X Dorotéia, 15 anos
- 5a. Família : Mamede (Sabanês), 19 anos X Melodia, 10 anos
- 6a. Família : Rufino (Manduca), 47 anos X Berenice, 46 anos
Filhos: Sêrgio, 9 e Tonho, 3 anos.
- 7a. Família : Nelson, 26 anos X Cecília, 20 anos
- 8a. Família : Tiago, 69 anos X Suzana, 69 anos
- 9a. Família : Danielsul, 21 anos X Linda, 14 anos
- 10a. Família : Davi, 37 anos X Jacinta, 52 anos.

Artur

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

11a. Família : Paulo César, 26 anos X Evelina, 20 anos
Filha : Mariza, 2 anos

12a. Família : Roberto, 60 anos
Filhos: Elias, 13 anos e Paulo, 7 anos

13a. Família : José, 37 anos X Sara, 36 anos
Filhos: Ari, 5 anos e Aparecida, 1 ano

14a. Família : Jorge, 24 anos X Mirian, 19 anos
- Filha : Corelina, 1 ano

15a. Família : Valdemar, 49 anos X Rosa, 45 anos
Filhos: Roberto, 10 anos e Lúcio, 6 anos

16a. Família : Elaide, 52 anos X Virginia, 31 anos
Filhos: Josué, 8 anos e Gerson, 7 anos

17a. Família : Donald, 20 anos X Migea, 21 anos
Filho : Alex, 2 anos

18a. Família : Silas, 61 anos

19a. Família : Sebastião, 60 anos X Helena, 47 anos
Filha : Morena, 10 anos

20a. Família : Manoelzinho, 77 anos X Alaide, 73 anos

21a. Família : Marcelino, 73 anos

22a. Família : Zezinho, 36 anos

- A divisão por sexo é a seguinte; nas diversas faixas etárias.

<u>IDADE</u>	<u>HOMENS</u>	<u>MULHERES</u>	<u>TOTAL</u>
0 - 7	20	13	33
7 - 12	11	07	18
12 - 20	13	08	21
20 - 30	15	14	29

Artur

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

<u>IDADE</u>	<u>HOMENS</u>	<u>MULHERES</u>	<u>TOTAL</u>
30 - 40	05	06	11
40 - 50	09	11	20
50 - 60	02	08	10
60 - + 60	21	12	33
<u>TOTAL</u>	96	79	175

VII - ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS

O ciclo econômico Nambikwara está bipolarizado em duas etapas claramente distintas: Uma, sedentária, na época das chuvas de outubro a março, baseada principalmente no cultivo, e outra, nômade, baseada na caça e na captura de pequenos animais, no restante do ano.

Durante a estação chuvosa os Nambikwara permanecem a maior parte do tempo nas aldeias e adjacências cuidando de suas roças e caçando nas imediações. Na época da seca, o produto da roça escasseia, obrigando-os a abandonar a aldeia em excursões à procura de caça, larvas, insetos, roedores, serpentes, frutos, grãos, raízes ou mel.

Aos homens cabe a tarefa de caçar e preparar a roça, enquanto às mulheres cabe a tarefa de colher o produto das roças, além de junto com as crianças, capturar pequenos animais. Com o contato dos Nambikwaras com a sociedade brasileira, várias alterações foram introduzidas no sistema econômico Nambikwara sem, no entanto, descaracterizá-lo.

Em primeiro lugar, a ocupação de parte de seu território imemorial por fazendas agropecuárias limitou sensivelmente a área possível de exploração. Em segundo lugar, a decretação da reserva em 68 veio como que legalizar uma área de ocupação. Os Nambikwaras do Campo têm consciência dessa área que lhes cabe por lei, muito embora não a utilizem toda por um lado, devido a presença dos Salumã ao Norte e, por outro lado, ultrapassem seus limites ao sul. Em terceiro lugar, a introdução dos índios na economia regional, através do artesanato e da extração da seringa, também age no sentido de uma maior sedentarização do grupo, embora apenas parcialmente, como explicaremos a seguir.

A primeira fonte de renda para os Nambikwara do Campo

Arq. ur.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

foi o artesanato. Em 1975 a venda de artesanato, através da ARTINDIA, rendeu para eles 13.714 (treze mil e setecentos e quatorze cruzeiros) ou 93.29 cruzeiros "Per Capita" (15). No entanto, como a ARTINDIA não conseguia vender toda a produção Nambikwara, o restante era vendido nas pensões da BR-364. O dinheiro arrecadado era aplicado em munição, açúcar, sal, fósforo, pano, faca, machado, enxada, facão, linha, anzol, tesoura, lima, rede, botina e vasilhas domésticas. (16) Hoje em dia o artesanato representa uma fonte de renda mínima para os Nambikwara do Campo, e vem sendo substituída por outra atividade econômica mais rentável, qual seja a extração da seringa. No ano de 1980 foram vendidas 3,5 toneladas do produto em Cuiabá, que, a preços atuais custa Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros) o quilo. Essa segunda fonte de renda vem possibilitando a aquisição de uma quantidade maior dos produtos acima mencionados assim como a aquisição de novas mercadorias como bicicletas e lanternas elétricas.

A aquisição de produtos industrializados que apresentam similares na cultura Nambikwara como linha, vasilhas, fósforos, etc, logicamente contribui para uma maior sedentarização do grupo, uma vez que os índios não precisam se deslocar em busca de matérias primas para confeccionar seus produtos. No entanto, o principal motivo de suas andanças, a procura de alimentos, não é afetado pela entrada do dinheiro na sociedade Nambikwara; com excessão do açúcar (em grande quantidade), do sal e do óleo de cozinha (em pequenas quantidades), nenhum outro produto alimentício de nossa cozinha é adquirido pelos Nambikwara. A razão disso é a alimentação "sui-generis" a que estão acostumados esses índios, composta de mandioca, carne de macaco, siriema e ema, tatu, veado campeiro e todo tipo de pequenos animais e insetos como lagartos, larvas, gafanhoto, cupim, formiga, morcego, coruja, ratos, etc.

Como nossos alimentos industrializados, sem similares em sua cozinha, não são utilizados pelos índios, e como os produtos de sua própria cozinha, em geral, não são estocáveis (excessão feita ao milho e a alguns grãos de difícil aproveitamento para o tipo de terra utilizada no plantio), persiste ainda hoje a necessidade de grandes deslocamentos na época da seca, para o abastecimento dos grupos.

Sobre a natureza desses deslocamentos, faz-se necessário esclarecer vários aspectos importantes. Cada aldeia se divide em vários bandos geralmente uma ou duas famílias nucleares, que saem em

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

busca principalmente, de alimentos. Essas andanças não são feitas aleatoriamente, sem um destino definido, pelo contrário, seguem um planejamento elaborado a partir de experiências anteriores e viagens de reconhecimento feitas individualmente, pouco antes da seca. Também são respeitados os territórios tradicionais de cada grupo. Portanto, ao sair, o grupo já sabe o seu destino, e ali permanece algum tempo acampado, tempo este que, pode variar de um dia a várias semanas, até que os recursos naturais voltem a escassear. É comum após uma expedição, o retorno à aldeia para o preparo de mais beijú, já que a mandioca brava é o único produto cultivado, existente durante a seca. Em suma, durante a época seca a aldeia não fica abandonada completamente, como também na época chuvosa as expedições não estão ausentes. A diferença é que, na primeira o tempo de permanência na aldeia é sensivelmente menor que na segunda. Assim sendo, enquanto na estação chuvosa, a base da economia é a família extensa, na estação seca, é a família nuclear a unidade de subsistência econômica.

A caça e coleta: Os Nambikwaras do Campo vivem, metade do ano, de abril a fevereiro, dependentes quase que inteiramente do que caçam capturam ou pescam. A caça de grandes animais, como porco do mato, anta, veado, macaco, etc, é uma tarefa masculina. Essa caça é feita, preferencialmente, nas matas ciliares que acompanham os rios, onde os índios passam alguns dias, sós ou em grupos pequenos, até conseguirem caçar algo, que muitas vezes é apenas um macaco. Por menor que seja a caça, sempre ela é dividida por todos os membros da aldeia. A captura de insetos e outros pequenos animais, é uma atividade feminina e das crianças, e visa o abastecimento da família nuclear, muito embora, quando capturados, em grande quantidade, também sejam distribuídos entre outras famílias.

Hoje em dia a grande caça vem escasseando devido à proximidade do tráfego de caminhões e automóveis na BR-364 assim como pelas alterações ecológicas provocadas pelas queimadas e derrubadas. Isso vem fazendo com que a captura de pequenos animais do cerrado atualmente sua importância no abastecimento das famílias passando a ser tarefa também do homem. É esse tipo de caça e coleta (coruja, tatu, tamanduá, cupins, larvas de marimbondo, formigas, corô, lagartos, etc) que hoje, supre a maior parte das necessidades alimentícias dos Nambikwaras.

Na estação seca, quando são mais frequentes as excursões -

MINISTERIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

sões de pequenos bandos, todos, independentemente do sexo, participam das caçadas como também das coletas.

ROÇAS:

As roças Nambikwaras se limitam às matas ciliares das margens dos rios, já que na savana, o cultivo, utilizando-se tecnologia indígena, torna-se inviável. A área roçada e queimada é utilizada, no máximo, dois anos, pois além desse tempo, torna-se estéril. O tempo de descanso necessário para novo plantil é longo, o que explica a vida curta das aldeias, que num período próximo de 15 anos se vê obrigada a procurar outro lugar ainda não explorado ou já recuperado (aldeia antiga).

No período das chuvas os índios colhem em suas roças, além dos diversos tipos de mandioca, amendoim, feijão, cará, araruta, algum milho e raramente, o arroz. Na estação seca, somente a mandioca permanece nas roças. As roças nem sempre se encontram próximas às aldeias, já que é comum os índios plantarem mandioca próximo a lugares onde eles costumam ou pretendem acampar durante a seca.

O preparo da roça é uma atividade coletiva masculina, dividindo-se a área final entre os diversos chefes de famílias. A colheita e o preparo dos alimentos são feitas pelas mulheres e o produto final, distribuído pela família.

PESCA:

Os rios existentes na Reserva Nambikwara são todos de água clara e fundo arenoso, pobres em matéria orgânica e, consequentemente, com pouca variedade e quantidade de peixes.

A pesca, geralmente é feita individualmente, com linha e anzol, utilizando-se os poços naturais dos grandes rios. A quantidade de alimentos conseguidos durante uma pescaria, nem sempre compensa o tempo gasto, de maneira que as atividades de caça e captura de animais do cerrado são sempre preferidas à pesca. Quando aquelas falham ou não produzem o suficiente, a pesca é procurada. A escassez da grande caça vem fazendo com que os homens se voltem mais para a pesca, que apesar de não muito farta, permanece intacta, já que as margens dos grandes rios não estão desmatadas.

EXTRAÇÃO DA SERINGA:

Se a caça, por um lado, vinha diminuindo a utilização

das matas ciliares pelos Nambikwaras, a extração da seringa, nesses últimos dois anos, provocou uma tendência oposta. Os seringais, todos eles situados na floresta-galeria que acompanha os rios, são propriedades do capitão da aldeia que, com a renda da seringa vendida em Cuiabá, na presença do chefe do PI, compra os objetos que a aldeia necessita e os distribui entre seus habitantes.

A extração é feita somente na época da seca pois durante as chuvas a água dissolve o látex que escorre do tronco. A técnica utilizada é bastante ultrapassada, provocando baixo rendimento por árvore e longo tempo de recuperação, (vide foto).

Analisaremos a seguir a ocupação que cada grupo Nambikwara faz da reserva, quando da nossa visita.

- 1) Sauentesú : Aldeia Sapezal, Branca, Barro Branco, e Barracão Queimado. (56 pessoas).

Quando da criação da Reserva Nambikwara, esse grupo já se encontrava nessa área - Plantam suas roças nas margens dos rios Serra Azul, (onde há mais índios aglomerados), Água Bonita, Macaco Preto e Juinha. Os índios da aldeia Sapezal dispõem de um pequeno trator doado por missionários e manejado pelo índio Zé Roberto. O trator é utilizado para roçar a área de plantil desta aldeia, sem, no entanto servir a outras aldeias devido à distância e dificuldade de acesso (com o trator) entre as aldeias. É na mata desses mesmos rios que eles caçam (com maior frequência o macaco), e colhem mel. A seringa é extraída dos seringais do rio Serra Azul, Água Bonita e Caraná. A pesca, toda ela é feita no rio Juina entre a barra do Serra Azul e Juinha, já que antes do Serra Azul, "só dá pacú". No entanto, como em todo grupo Nambikwara do Campo, são os animais do cerrado, em especial algumas aves (siriema, Jacu, etc) e insetos (formigas, gafanhotos, corós, cupins, etc), os que suprem a maior parte das necessidades alimentícias desse grupo.

- 2) Kitaulhu: Aldeias Campos Novos e Camararé (84 pessoas).

Esse grupo também já vivia na área que veio depois ser decretada como Reserva Nambikwara. Viviam antigamente ao longo do rio Camararé. Hoje vivem a maior parte do tempo, na aldeia de Campos Novos utilizando-se das terras mais férteis da reserva para suas roças. A floresta que penetra nessa região da reserva, permite a esses índios maior fartura de caça como também maior diversidade de

Art. 10.

produtos cultivados. Assim, a área utilizada por eles é menor, proporcionalmente ao número de indivíduos, que às demais áreas de influência dos Nambikwaras do Campo. A aldeia de Camararé tem uma população flutuante que permanece ali aproximadamente 4 meses ao ano, ficando o restante do tempo em Campos Novos. A pesca é feita nos rios grandes, quais sejam o 12 de Outubro e o Mutum.

Os seringais explorados por eles se distribuem ao longo dos rios 12 de Outubro, Nambikwara e Camararé.

Estes índios criam 11 cabeças de gado doados por um missionário suíço. Os índios, no entanto, não consomem a carne nem o leite. Criam o gado pensando em vender bezerros futuramente.

3) Wakalitesu: Aldeias Juína e Porto (36 pessoas).

Esses índios viviam até 1970, próximo ao rio Formiga quando foram transferidos para dentro da Reserva. Criou-se uma situação anômala pois o local para onde foram transferidos (margem esquerda do Alto Juína) era território de influência Sautesú. Havia o consentimento deste grupo para a transferência, mas as áreas de acampamento e caça inevitavelmente não poderiam coincidir. O resultado foi que os Wakalitesu continuaram utilizando as matas do rio Formiga para caçar, onde eles tem acampamentos e passam alguns meses por ano. Algumas roças também se encontram fora da reserva, na margem direita do alto Juína de onde eles extraem a seringa. A solução que vem sendo tentada pelo chefe do PI Nambikwara, José Eduardo, é a mudança destes índios mais para o norte da reserva em área ainda não ocupada. O capitão da aldeia Juína, Milton, nos revelou sua intenção de se transferir para uma aldeia antiga chamada Lagoinha, à margem esquerda do Rio Juíinha, já que os recursos da aldeia Juína estão quase esgotados.

4) Mamaindê: (15 pessoas)

Os índios Mamaindê, Nambikwara do Norte, foram transferidos para dentro da Reserva em 1973 mas retornaram à área de origem em 77 após tentarem, sem resultado, levar adiante suas culturas de milho e outros produtos.

Alguns, entretanto, preferiram ficar até que suas terras fossem demarcadas. A razão alegada por eles é o medo dos peões das fazendas que estavam tomando suas terras. Atualmente há uma família, (oito pessoas) permanentemente na reserva e outras 7 (sete)

MINISTERIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

pessoas que vivem aí apenas parte do ano, estando o restante do tempo na área Mamaindê - Estes índios se utilizam do rio Mutum para a pesca, assim como de suas matas para a caça.

Espera-se que após a demarcação da área indígena Mamaindê, estes índios voltem a se unir ao seu grupo.

VIII - SAÚDE E SANEAMENTO:

A FUNAI, no momento, dispõe somente de uma atendente de enfermagem para a área toda da reserva, o que dificulta sobre maneira o atendimento médico, principalmente para as aldeias de Campos Novos e Camararé que se encontram mais distantes do PI, onde funciona a enfermaria.

As doenças que se apresentam com maior frequência são: diarreia, gripe, bronquite, cáries dentárias, problemas gástricos, catapora, verminose, reumatismo, sarnas, conjuntivite e bichos-de-pé.

A causa principal das doenças que afetam o aparelho digestivo é a falta de higiene no preparo e consumo dos alimentos. É comum o beijú ou qualquer outro alimento, ficar diretamente sobre o solo, servindo tanto às pessoas quanto aos cachorros.

O fato dos Nambikwaras dormirem na areia e estarem, quase sempre, "cobertos" de cinzas e areia favorece o aparecimento de doenças epidérmicas e dos bichos-de-pé, que, no caso, não se restringem aos pés.

As cáries advêm do consumo excessivo do açúcar. A atendente de enfermagem, Adelina, sugere seja feito a fluorização dos dentes das crianças, como forma de diminuir a incidência das cáries. Outro problema grave é o tratamento dos dentes dos índios, que se limita a arrancar os dentes cariados, sem levar em conta a possibilidade de uma obturação.

Os índios da Reserva, já foram vacinados de BCG, tríplice e contra sarampo.

IX - ASPECTOS EDUCACIONAIS:

Desde a saída dos missionários do SIL, nada foi feito no campo da alfabetização. A escola que havia foi fechada e os poucos índios que a frequentaram são os únicos que sabem ler e escrever em português e na sua língua, ainda que precariamente.

Quanto à conveniência ou não da atuação desses missionários

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - FUNAI

rios as opiniões se dividem. Os índios que se posicionam contra, fazem as seguintes críticas à atuação do SIL:

- a) A escola funcionava em horário não condizente com as atividades indígenas, provocando retardamento na consecução das atividades que lhes são próprias como, queima, plantio, rituais, etc.
- b) Os missionários não simpatizavam com as festas e rituais Nambikwara.
- c) No dizer dos índios, "os americanos não acompanhavam o índio", i.é., não comiam de sua comida, não conviviam com ele, enfim; mantinham uma certa distância no relacionamento, o que levava o índio a sentir desconfiança sobre suas intenções.

Já aqueles que estão a favor da presença dos missionários alegam que com eles, pelo menos havia uma escola funcionando.

X - DIVISAS TERRITORIAIS:

Os Nambikwaras da Reserva têm plena consciência dos limites da mesma e do que esta representa em termos legais. Se perguntados sobre a extensão de suas terras, eles respondem que estas vão do 12 de Outubro até o Juina e subindo este até o rio Caraná, ou seja, os limites exatos da Reserva. Quando falam da questão terra, expressam em suas palavras, um misto de revolta e resignação pelo "pedacinho de Terra" que o governo decretou para eles. Sabem que aquilo que ficou fora da Reserva não mais lhes pertence muito embora continuem visitando antigas aldeias, onde seus antepassados estão enterrados, e caçando em lugares tradicionais de caça. Dizem que, "enquanto der", ou seja, enquanto deixarem, continuarão se utilizando de tais áreas.

Artes.

XI - CONCLUSÃO E PROPOSTA DE ÁREA

A Reserva Indígena Nambikwara, com aproximadamente 980 mil hectares, foi criada em 1968 com o objetivo de abrigar todos os grupos Nambikwara. O fato do meio-ecológico existente na reserva ser bastante distinto do meio-ecológico onde se encontravam os Nambikwaras do Vale do Rio Guaporé e do Norte, levou ao fracasso a política de transferências. Além disso, boa parte da área reservada (toda área ao norte da linha telegráfica levantada por Rondon) não é território Nambikwara, mas sim Salumã, índios do tronco-linguístico Aniak, completamente distintos, e mesmo inimigos, dos Nambikwara.

Além dos Salumã ao norte, que vivem numa única aldeia e contam 131 indivíduos, a Reserva abriga hoje três grupos Nambikwara do Campo que já viviam dentro dela, ou nas proximidades, quando de sua criação. São eles: a) o grupo Kitáulhu situado a oeste da Reserva, contando 84 índios divididos em duas aldeias, b) o grupo Sautesu situado ao sul da reserva, com 56 índios e 4 aldeias e, c) o grupo Wakalitesu, também ao sul da reserva, porém se utilizando de terras fora desta, próximas ao rio Formiga, onde antes viviam. Esses índios somam 35 indivíduos morando em duas aldeias. Cada um desses três grupos ocupa e explora uma área de influência distinta da dos outros dois.

Além desses 175 Nambikwaras do Campo, há também uma família Mamaindê (Nambikwara do Norte) de 15 pessoas, que, no entanto, pretendem retornar a sua área tradicional e se juntar ao restante do grupo assim que esta esteja demarcada. Esta família se situa a oeste da reserva entre o rio Mutum e a BR-364.

Portanto, permanecem na reserva, os que aí já se encontravam, quando de sua criação, e os que encontraram um meio-ecológico semelhante ao meio em que viviam.

O meio-ambiente da Reserva, onde vivem os Nambikwara do Campo, está constituído, em sua maior parte, de cerrado com estreitas faixas de matas-ciliares acompanhando o leito dos rios. O ano é marcado, nessa região, por duas estações claramente distintas, quais sejam, a estação das chuvas (de outubro a março) e a estação da seca (de abril a setembro). A economia Nambikwara, como não poderia deixar de acontecer numa sociedade com tecnologia rudimentar, reflete de maneira clara essa bi-polarização seca-chuva.

Na estação chuvosa os Nambikwara vivem basicamente do

produto de suas roças, instaladas nas matas das margens dos rios, e daquilo que caçam nessas mesmas matas. É a fase sedentária do ano Nambikwara, quando o tempo nas aldeias e adjacências é bem superior que o tempo fora delas.

Na estação da seca a situação se inverte. O produto das roças escasseia obrigando as aldeias a se sub-dividirem em pequenos bandos que saem em excursões à cata de alimentos, em geral, pequenos animais e frutos do cerrado. É a fase nômade, quando o tempo fora das aldeias é bem superior ao tempo de permanência nelas. A área necessária portanto à manutenção de uma aldeia Nambikwara do Campo se estende bastante entre abril e setembro em virtude dessa dispersão em pequenos bandos.

A extensão considerável da área necessária para a sobrevivência de um indivíduo Nambikwara, consequência direta da pobreza do meio-ambiente e da tecnologia rudimentar empregada pelos índios, fez com que estes se concentrassem em pequenas aldeias, onde vivem, no máximo, de 40 a 50 pessoas.

A inclusão dos Nambikwara na economia regional através da seringa e conseqüente aceleração do processo de aculturação desses grupos com a aquisição de produtos industrializados e incorporação de novas necessidades e técnicas, não chegou a alterar a economia Nambikwara no que ela tem de fundamental, ou seja, a busca de alimentos. Em outras palavras, os Nambikwara não se servem da renda advinda da comercialização da seringa para comprar e estocar alimentos, persistindo, portanto, a necessidade de grandes deslocamentos para sua sobrevivência. Tampouco a assistência da FUNAI, através do PI e da enfermaria, alterou essa tendência à dispersão que, como já dissemos, existe em função da pobreza de recursos naturais na área.

Os três grupos Nambikwara do Campo que hoje vivem na Reserva procuram ajustar suas áreas de influência à área que a eles cabe por decreto, ou seja, tais índios possuem perfeita consciência do espaço a eles destinado, procurando ocupá-lo mas mantendo áreas distintas de exploração para cada grupo. Assim sendo, os Nambikwara ocupam, com suas atividades de cultivo, caça, coleta e pesca, toda a área da reserva ao sul da picada por onde passava a linha telegráfica levantada por Rondon, com excessão da área a leste do Córrego Primavera e ao norte do rio Juininha (vide mapa com áreas de in-

MINISTERIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

fluência). No entanto, o GT preferiu manter essa área no lugar de suprimi-la e acrescentar a área fora da Reserva, ocupada pelo grupo Wakalitesu, próxima ao rio Formiga, pelas razões que enumeramos a seguir:

- a) Os índios da aldeia Juína estão dispostos a se transferir para a aldeia antiga Lagoinha, próxima à confluência do rio Juininha com o Juína, o que acarretará no abandono das terras a leste da Reserva e a ocupação da parte desocupada entre o Juininha e a linha telegráfica.
- b) Tais terras apresentam condições melhores de exploração que as terras onde atualmente vive o grupo Wakalitesu, já durante longo tempo explorada.
- c) Os índios têm plena consciência das terras que a eles foram reservadas, sabendo inclusive que as terras que hoje eles ainda utilizam, entre os rios Formiga e Juína, não mais lhes pertence.

Além dessa área ao sul da linha telegráfica, há uma faixa de mata ao norte da referida linha, acompanhando o rio 12 de Outubro, onde se localiza um seringal explorado pelos Nambikwara de Campos Novos.

A área restante da Reserva não é utilizada por qualquer grupo Nambikwara, por se tratar de território tradicional Salumã. Quanto a essa área Salumã, o normal, considerando o fato desses índios ainda se encontrarem completamente isolados da sociedade nacional e o fato de inexistirem estudos antropológicos sobre a organização política e econômica do grupo, seria uma proposta de interdição de área indígena. Porém, como parte da área utilizada por eles está dentro da atual Reserva Nambikwara, é mais seguro para os Salumã como também para o órgão tutelar, que esta área, ao norte da linha telegráfica, permaneça como Reserva Nambikwara até que a sociedade Salumã seja devidamente estudada, possibilitando com isso a delimitação da área econômica e culturalmente necessária à sobrevivência do grupo.

Brasília, 27 de novembro de 1981.

Artur Nobre Mendes
ARTUR NOBRE MENDES

- Antropólogo "A"

DID/DGPI

Referências Bibliográficas da Área Indígena Nambikwara

- (1) Relatório de avaliação do Projeto Nambikwara, Pedro Agostinho da Silva,
- (2) Francis de Castelnau, Expedition dan les parties centrales de e'Amérique du Sud, Vol. 3, 1851.
- (3) Carl Freedrich Phil, Von Martins; Beitrâge zur Ethographic und Sprachankunde Amerika's Zumal Brasiliens, Vol. 1. 1867.
- (4) Carta de Cândido Correia. a Luciano Rodrigues Montemôr escrita em Pelar, 5 de abril de 1848, Arquivo do Estado do Mato Grosso, caixa 1848.
- (5) G. Pimentel Barbosa, Relatório apresentado ao Sr. Inspetor do Serviço de Proteção aos Índios em Mato Grosso, 1922.
- (6) Pinto, Roquette.
Rondônia, V. 39.
- (7) Figueiredo, José de Lima; Índios do Brasil, pág. 97
- (8) Boletim informativo FUNAI, ano V, n°s 15 e 16,
- (9) Pereira, Pe. Adalberto Holanda
A Morte e a outra Vida dos Nambikwara, pág. 7 a 14, Revista "Pesquisas", Antropologia, n° 26, Instituto Anchietano de Pesquisas São Leopoldo - RS.
- (10) Price, David, Política Indigenista e Política informativo ' FUNAI, N°s L& E L?; ano V. pág. 59 e 60.
- (11) Idem, pág. 60
- (12) Idem, pág. 60
- (13) Lévi-Strauss, Claude; Tristes Trópicos, Edições 70, pág. 304.
- (14) Idem, págs. 303 e 304.
- (15) Relatório: Atividades do Projeto Nambikwara durante o 4° trimestre de 1975, Anexo V.
- (16) Idem, anexo I.

Archer